

Uma interpretação alegórica e simbólica da Bíblia segundo Gregório de Nissa

An allegorical and symbolic interpretation of the Bible
according to Gregory of Nyssa

*Renato Kirchner*¹
*Lucas Cordeiro Santos*²

Resumo

O presente trabalho expõe a forma interpretativa com a qual o padre capadócio Gregório de Nissa erigiu sua obra *A vida de Moisés*. Nela evidencia-se como o prelado de Nissa apropriou-se da epopeia mosaica e formulou um itinerário espiritual para aqueles que almejam a vida perfeita. A partir do referencial metodológico de interpretação alegórica e simbólica da Bíblia, muito comum em autores nos primeiros séculos do cristianismo como, por exemplo, em Fílon de Alexandria e Orígenes, o Nisseno analisa o texto do Antigo Testamento e atualiza-o numa perspectiva epocal circunscrita ao quarto século da nossa era. Assim, a obra gregoriana vigora como uma atualização do texto mosaico para um novo panorama histórico que se impunha – agora cristão – e que carecia de referenciais próprios destinados à busca da perfeição. Além disso, a interpretação alegórico-simbólica torna-se uma forma hermenêutica válida ao cristianismo, pois seu intento consiste em atualizar o espírito que concebeu o texto às vicissitudes de um novo contexto histórico. Por isso, o presente trabalho pretende elencar aspectos particulares da interpretação alegórica e simbólica de Gregório de Nissa e sua importância no seio da Igreja cristã nascente.

Palavras-chave: Interpretação alegórica e simbólica; Vício e virtude; Mística negativa; Gregório de Nissa.

Abstract

The present work exposes the interpretative way in which the Cappadocian Father Gregory of Nyssa created his work *The Life of Moses*. It shows how the prelate of Nyssa appropriated the Mosaic epic and formulated a spiritual journey for those who yearn for the perfect life. From the methodological framework of

¹ Coordenador e professor permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião e professor na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: rentokirchner00@gmail.com.

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), foi bolsista PIBIC/CNPq. Recentemente, desenvolveu estudos sobre espiritualidade, teologia, vida religiosa e interculturalidade pelo Centro de Religiosos Intercongregacional (CERI), em Bucaramanga, Província de Santander, Colômbia. E-mail: lcs2098@hotmail.com.

allegorical and symbolic interpretation of the Bible, very common in authors in the early centuries of Christianity, for example, in Philo of Alexandria and Origen, Nissen analyzes the Old Testament text and updates it in a circumscribed epocaltical perspective to the fourth century of our era. Thus, the Gregorian work stands as an update of the mosaic text to a new historical panorama that was needed – now Christian – and which lacked its own references for the pursuit of perfection. In addition, the allegorical-symbolic interpretation becomes a valid hermeneutic form for Christianity, since its purpose is to update the spirit that conceived the text to the vicissitudes of a new historical context. Therefore, the present work intends to list particular aspects of the allegorical and symbolic interpretation of Gregory of Nyssa and its importance within the nascent Christian Church.

Keywords: Allegorical and symbolic interpretation; Vice and virtue; Negative mystique; Gregory of Nyssa.

Introdução

A vida de Moisés é uma obra do *corpus* gregoriano permeada por inúmeros simbolismos e por interpretações alegóricas encarnadas numa realidade transcendente e mística. No anseio de responder a um jovem monge sobre como viver a perfeição, Gregório de Nissa concebe este belo texto, o qual ganha o *status* de manual para o entendimento da vida virtuosa para a tradição cristã posterior.

Nesse artigo, buscaremos acompanhar, compreender e explicitar a extensão dos assuntos tratados por Gregório de Nissa em *A vida de Moisés*, percorrendo os seguintes passos: 1. Breve histórico sobre Gregório de Nissa; 2. A obra *A vida de Moisés*; 3. O contraste entre virtude e vício; 4. A mística negativa; 5. Moisés: o homem virtuoso e o prenúncio de Jesus.

1. Breve histórico sobre Gregório de Nissa

Gregório de Nissa nasceu por volta de 335 d.C., na Capadócia, atual Turquia. Irmão mais novo de Basílio e Macrina, seus mestres na vida contemplativa, sempre encontrou em seu seio familiar uma grande reverência à religião e à contemplação. Apartando-se gradativamente dessa realidade

religiosa, Gregório tornou-se retórico, casou-se e, por alguns anos, absteve-se do caráter ascético que circundava seus familiares. A formação de Gregório de Nissa não esteve vinculada às grandes academias de sua época. Mesmo de forma indireta, ministrada por seu próprio irmão Basílio, Gregório de Nissa não deixou de se inteirar das leituras e interpretações dos grandes pensadores (SPANNEUT, 2002, p. 67-88; BORRIELO, 2003, p. 466-469).

Muitos anos após seu distanciamento da religiosidade familiar, Gregório retorna ao âmago da vivência cristã ao ser designado, por seu próprio irmão Basílio, bispo de Nissa. Nesta sede episcopal Gregório lutou contra as inúmeras incongruências doutrinárias que estavam emergindo na Capadócia (arianismo e eunomianismo)³. Em meio a estas discussões dogmáticas, os arianos exilam o bispo de Nissa, após encontrarem algumas inexatidões em sua contabilidade episcopal (FIGUEIREDO, 1990, p. 72). Entretanto, Gregório retorna a Nissa dois anos mais tarde, sendo recebido com efusiva alegria pelos nissenos.

Após a morte de seu irmão Basílio de Cesareia – também chamado São Basílio Magno ou Basílio, o Grande –, Gregório ganha certa notabilidade nos círculos episcopais. Nestes, inicia uma grande atividade teológica que o leva a ser uma das figuras mais importantes do Concílio de Constantinopla, realizado no ano de 381 d.C. Segundo Fernando Antônio Figueiredo, “aventou-se a hipótese de que, após a morte de Gregório Nazianzo, teria sido Gregório de Nissa convidado a presidir o Concílio de Constantinopla” (1990, p. 75-76). A edição crítica de suas obras permitiu evidenciar que toda série de sermões que se acreditava haviam sido pronunciados em Nissa são, na verdade, sermões conciliares, o que nos permite concluir sua importante influência no Concílio Ecumênico. Pouco depois do Concílio, outra obra significativa de Nisseno veio à luz: *A grande catequese* ou *O grande discurso catequético*, que é um escrito mais

³ *Contra Eunômio* foi escrito por Gregório de Nissa no ímpeto de combater tais doutrinas consideradas heréticas. Para mais informações sobre o *corpus* gregoriano, indicamos o livro Maria Cândida da Costa Reis Monteiro Pacheco, *S. Gregório de Nissa: criação e tempo*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.

dogmático do que propriamente uma catequese para candidatos ao batismo, nem é também uma catequese mistagógica destinada a neófitos com a finalidade de explicar os sacramentos que irão receber.

Cerca de dez anos depois, Gregório de Nissa escreve a obra *A vida de Moisés*. Isso teria sido por volta de 392 d.C., após receber uma carta de um jovem monge de nome Cesáreo pedindo-lhe algumas normas para alcançar a vida perfeita. Como resposta a este pedido, o bispo de Nissa elege Moisés como modelo de vida virtuosa e como exemplo para ser tomado por aqueles que desejam alcançar a vida perfeita.

2. A obra *A vida de Moisés*

A obra *A vida de Moisés*⁴ foi composta em duas partes: uma histórica e outra contemplativa. A primeira parte apresenta um resumo dos textos bíblicos Êxodo e Números; a segunda, ao contrário, assume a história pelo horizonte da contemplação e da perfeição místicas. Gregório procura elucidar que, para acessar o espírito que guiou o autor sagrado, é necessário suspender a literalidade e buscar uma interpretação alegórica dos fatos narrados. Em diversos momentos de suas obras místicas, Gregório de Nissa ratifica tal empenho alegórico:

Alguns escritores eclesiásticos se atêm estritamente à letra das Sagradas Escrituras. Não pensam que estas, por comparações e alegorias, podem ser mais proveitosas [...]. Antes de tudo, é necessário estar disposto a modificar a palavra, a interpretar a história conforme o plano que anima as duas Alianças [...]. Nunca nos escravizemos à letra porque o sentido primeiro, superficial do texto frequentemente interrompe nossa busca pela vida virtuosa (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 5-6).

Fora do sentido literal qual é outra interpretação que se pode dar ao texto escrito? Se esta porção do texto nos obriga a uma

⁴ Embora seja possível entrar versões em português desta obra na internet, no presente estudo optamos por utilizar-nos da edição espanhola da Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), de Madri, traduzindo as passagens citadas. Esta edição reúne outros textos do Nisseno como, por exemplo, as famosas homilias sobre o Cântico dos Cânticos. Recentemente, uma editora brasileira publicou também uma versão completa do texto: São Gregório de Nissa, *Vida de Moisés*, Campinas, Livre, 2017.

interpretação que não seja literal, é justo buscar outra interpretação para o conjunto do texto. A interpretação que fazemos sobre uma parte do texto deve ser estendida a todo o conjunto, pois o conjunto é feito de partes (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 267).

O método interpretativo alegórico de Gregório de Nissa fornece à reflexão mística a possibilidade da atualização dos textos bíblicos na vivência da espiritualidade de sua época. Nesse método, o intérprete coloca-se inteiramente em união com o texto, não há uma suspensão dos juízos, mas um encontro entre o texto e o anseio de se edificar um itinerário espiritual. Intérprete e texto são assumidos por inteiro, com suas mazelas e cargas pré-conceituais.

Em sua obra é notável a presença de conceitos platônicos, aristotélicos e, preponderantemente, dos pensamentos de Fílon de Alexandria e Orígenes. Contudo, sua intenção é tomar a vida do servo de Deus, Moisés, como modelo de vida perfeita. Por isso, Gregório elege como metodologia a *interpretação alegórica e simbólica*⁵, porquanto é necessário encontrar e retirar do texto aquilo que lhe move, que lhe dá vida. Para o Nisseno, não há verdadeira espiritualidade num texto entendido a partir da análise literal apenas, uma vez que é necessário entender o espírito que está por detrás da letra, sendo que, talvez, por isso mesmo dedica apenas poucas páginas iniciais para uma parte histórica e muito mais para uma outra parte contemplativa. De fato, *A vida de Moisés* faz parte de um conjunto

⁵ Não é escopo do presente estudo apresentar e fundamentar o método de interpretação alegórica e simbólica no qual Gregório de Nissa se movimenta. Fernando Antônio Figueiredo, no livro *Curso de teologia patristica* (vol. II), trata da interpretação alegórica propriamente dita dando ênfase a três fases: a) interpretação literal; b) interpretação moral; c) interpretação espiritual (cf. FIGUEIREDO, 1988, p. 96-101). Contudo, o mesmo autor, *Curso de teologia patristica* (vol. III), ao comentar o texto *A vida de Moisés*, salienta logo de saída: “A perfeição não é uma medida, é uma caminhada incessante. O ideal cristão não é, pois, definido como algo fixo a ser atingido, mas como um contínuo progredir. Neste itinerário, o símbolo é Moisés, destacado não tanto pelo seu aspecto contemplativo, mas antes como mediador. Deste modo Gregório deseja ressaltar que a perfeição do cristão se situa na busca do bem, cuja força está na descoberta de quem ele é, e, ao mesmo tempo, consiste na comunicação aos outros do que ele mesmo deve ser e fazer (cf. FIGUEIREDO, 1990, p. 79). Para uma primeira aproximação da metodologia a interpretação alegórica e simbólica indicamos: Julio Treballe Barrera, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: Introdução à história da Bíblia*, Petrópolis, Vozes, 1996, p. 551-561 (na parte “V. Hermenêutica: Textos e interpretações”, capítulo “6. Interpretação do AT na literatura judeu-helenística, Fílon de Alexandria e Flávio Josefo”).

de obras exegéticas de Gregório de Nissa. Mas é de se notar que ele continua este gênero literário iniciado por Fílon de Alexandria e Orígenes, os quais haviam criado raízes em toda patrística.

Numa ampla e aprofundada pesquisa Maria Cândida da Costa Reis Monteiro de Pacheco, sob o título *S. Gregório de Nissa: Criação e tempo*, podemos ler:

“a exegese gregoriana tem, no entanto, uma fisionomia própria, que lhe é dada pela articulação de temas filosóficos e bíblicos. [...] Em *De vita Moysis*, Fílon e Platão estão amplamente presentes. A figura do grande patriarca é apresentada como guia e símbolo da vida espiritual, encarnando o ideal humano, por excelência. A perfeição, para o homem, é definida como um progresso sempre inacabado, tese fundamental da espiritualidade gregoriana” (PACHECO, 1983, p. 46-47).

Desse modo, Gregório de Nissa, na sua interpretação da vida do Legislador de Israel, oferece-nos uma contemplação de sua própria experiência de fé perante o relato bíblico, possibilitando que sua experiência viva com o texto sirva a Cesáreo (seu primeiro interlocutor) como suplemento na sua busca pela perfeição.

3. O contraste entre virtude e vício

Gregório de Nissa afirma que, para Cesáreo alcançar seu intento, ou seja, a vida perfeita, é necessária a extrapolação da dimensão natural do mundo. Para isso, o homem é chamado a buscar a virtude que é ilimitada e transcende os ditames mundanos. Desse modo, a virtude é entendida como um “lançar-se em busca do que ainda não foi alcançado” (Fl 3,13), esta intuição compõe a verdadeira forma de aproximar-se da perfeição, segundo a mística gregoriana.

Nesse sentido, o bispo de Nissa apropria-se do texto mosaico para elucidar que a virtude, ou seja, o constante movimento para se alcançar aquilo que é bom, é o caminho para a perfeição. Tomando a personagem bíblica Moisés como exemplo de homem virtuoso, o autor recorre a inúmeros símbolos para evidenciar e contrapor a virtude ao vício, este que é, por sua vez, a força que

afasta o homem do contínuo anseio pela perfeição. Assim, partir da narrativa do nascimento de Moisés, o prelado de Nissa erige uma clara simbologia da virtude e do vício.

Moisés nasceu em meio à condenação faraônica de que todos os meninos deveriam ser mortos. Para Gregório de Nissa, numa visão espiritual, a condenação dos meninos é uma condenação da própria virtude, pois os meninos são tomados como símbolo da virtude enquanto as meninas da luxúria, portanto, do vício. Destarte, a vontade do Faraó é a de exterminar a virtude no seio do povo hebreu.

Contudo, a decisão dos pais de Moisés é pela manutenção da virtude. Antes de jogá-lo nas águas do mundo estrangeiro, eles revestem-no por um cesto⁶. Salvo das águas, Moisés é encontrado pela filha do próprio autor da lei que determinava sua execução. A filha do Faraó é uma mulher estéril. A esterilidade representa o pensamento pagão que não possui leite para amamentar a vida daquele que deseja ser virtuoso⁷. Por isso, sua mãe biológica, por providência divina, continua amamentando-o na virtude.

Ainda na dicotomia entre masculino e feminino, virtude e vício, é assaz pertinente elucidar que a esposa de Moisés, Séfora, filha de Raguel (também denominado Jetro), era uma estrangeira. Neste contexto, o Nisseno afirma que a companheira de Moisés simboliza a filosofia e a moral que são companheiras do homem virtuoso, mas que, ao mesmo tempo, não podem ter a primazia na edificação de uma vida virtuosa. Por esse motivo, em Ex 4,24-26, um anjo exige a circuncisão de Gersan, fruto da relação entre Moisés e Séfora (virtude e cultura pagã, respectivamente). Tal ato representa a verdadeira hierarquia da vida

⁶ Para Gregório de Nissa, o Egito era um sinal claro dos vícios. Proteger Moisés, colocando-o num cesto significa envolvê-lo nas doutrinas que visam à vida virtuosa (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 219).

⁷ Gregório tece algumas reflexões sobre isso. Primeiro, identifica a esterilidade da princesa com a esterilidade da cultura pagã e da filosofia que, sem os sinais da revelação, não concebem nada, não produzem vida. Posteriormente, afirma que o leite materno simboliza a instrução cultural e a educação para virtude. Ambos os fatores estão ausentes no seio do não hebraico.

humana: a filosofia da natureza e a filosofia moral são servas dos desígnios divinos e da tradição religiosa⁸.

Imbuído da missão de tirar da escravidão os hebreus, Moisés inicia uma saga na qual necessita romper as correntes que atam os hebreus aos egípcios. Na esteira dessa reflexão, surgem os episódios denominados as “pragas do Egito”, que são uma resposta divina ao fechamento do coração do Faraó aos pedidos de Moisés. A maior parte das pragas aclara a diferença entre hebreus e egípcios. Os hebreus não são acometidos pela escuridão, nem pela água insalubre, ou ainda, pelas pragas que assolam o cotidiano da vida egípcia (rãs, moscas, piolhos, gafanhotos, úlceras, peste dos animais e chuva de pedras), porque viviam uma vida virtuosa que lhes propiciava um acesso transcendente às realidades mundanas. Pelo contrário, os egípcios viviam no vício e o mal é consequência de suas próprias escolhas. Assim, é necessário extirpar do coração hebreu tudo aquilo que pode ter sido absorvido da convivência com os egípcios (aquilo que é puramente mau e vicioso). Nessa lógica, perante a morte dos primogênitos egípcios, o prelado de Nissa afirma:

Tomemos a interpretação espiritual pensando que aqueles acontecimentos ocorreram em sentido figurado e por eles o legislador nos queria dar esse ensinamento: que quem se decide a lutar pela virtude deve acabar com qualquer movimento de tendências pecaminosas (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 236).

Portanto, a morte dos primogênitos egípcios é a vitória da virtude sobre o vício. Representa que o bom cultivo da vida hebraica suplanta os malefícios decorrentes da vida egípcia. Sendo assim, faz-se necessário aniquilar qualquer obra egípcia em seu florescimento. Tal contraposição entre ambos os povos cessa na passagem pelo Mar Vermelho. O Mar Vermelho é antítipo do batismo e revela-se como momento no qual o povo se lava de todos os vícios e de todo o pecado que é sugado pelas águas. Nas águas do Mar Vermelho entram hebreus e egípcios (virtude e vícios, respectivamente). No entanto, como nos diz o relato, apenas os

⁸ No século XIX, Søren Kierkegaard assimila algo muito semelhante quando concebe que a vida religiosa ou o salto da fé supera as esferas da vida estética e da vida ética (KIERKEGAARD, 2009).

hebreus saem com vida. Assim, no itinerário espiritual é preciso limpar-se dos vícios e viver somente na virtude.

Nessa acepção interpretativa, Gregório de Nissa não dá ênfase às inúmeras reclamações do povo que renasce nas águas do Mar Vermelho. Ele ignora as diversas queixas e reclamações do povo de cerviz dura. Tal fato faz com que o itinerário espiritual seja ascendente e que gradativamente os hebreus demonstrem serem mais virtuosos e estarem buscando a perfeição. Sobre essas supressões, o bispo de Nissa escreve:

Se em algum caso os acontecimentos históricos não se encaixarem perfeitamente com o contexto da interpretação espiritual, deixemo-los de lado, pois são inúteis ao nosso propósito, sem que por isso, interrompamos nossa exegese orientada à virtude (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 228).

Por fim, o contraste entre virtude e vício é a âncora da análise gregoriana sobre os relatos bíblicos. A vivência da virtude é o único caminho para a ascensão em vista da vida perfeita. No entanto, a virtude mosaica é resultado de uma relação intrínseca com Deus. Essa relação é descrita nas teofanias que Moisés viveu e foram destacadas por Gregório de Nissa numa ascensão da sarça ardente à escuridão do cimo da montanha. O percurso vivido por Moisés e assinalado pelo prelado de Nissa ficou conhecido como *mística negativa*.

4. A mística negativa

A *mística negativa* (ou *apofática*) – às vezes, também chamada por alguns comentadores de *mística das “trevas”* ou *“escuridão”* (PONTE, 2013, p. 5-24) – é o corpo espiritual da obra *A vida de Moisés*. A conceituação da *mística negativa* ampara-se em três teofanias descritas no livro do Êxodo: a sarça ardente (Ex 3,1-20), o Monte Sinai (Ex 19,1-25) e a passagem de Deus (Ex 34,1-35). Nesse panorama relacional entre Deus e Moisés, Gregório de Nissa edifica uma teologia na qual o homem percebe a infinidade de Deus e a cada passo no seu amadurecimento espiritual dá-se conta de quão grande é o mistério que abarca o transcendente.

No episódio da sarça ardente, Gregório reconhece na sarça ardente a própria presença de Deus na Terra. Assim como o arbusto brilhou em chamas para Moisés, Jesus de Nazaré foi um clarão para a humanidade. Nesta teofania, Deus se dá a conhecer por meio de coisas sensíveis, pois Moisés ainda não estava pronto para contemplar Deus na sua verdadeira condição. Por isso, é indispensável a presença da luz e da sensibilidade, isto é, do fogo e da sarça ardente.

Todavia, Moisés é convidado a tirar as sandálias (Ex 3,5). Tal situação prenuncia a incapacidade de se aproximar de Deus por meio da sensibilidade. Num primeiro momento, Deus fez-se acessível pela sarça ardente, no entanto, Moisés precisou abdicar de sua condição material para dialogar com Deus. Este simbolismo marca todo o relacionamento de Deus com Moisés⁹.

Na teofania do monte Sinai, que precede a libertação dos hebreus e a passagem pelo Mar Vermelho, Moisés sobe ao cume da montanha e se encontra com Deus na escuridão (Ex 19,16). Sobre esta passagem Gregório de Nissa afirma:

Receberam o pão do céu, procederam com valentia ante os estrangeiros e triunfaram graças as mãos estendidas de Moisés [...]. Só estes entram na contemplação da natureza transcendente. O caminho que leva a este conhecimento é a pureza. Isto quer dizer que quem se aproxima da contemplação do universo deve ter se purificado plenamente, sendo sem defeito na alma e no corpo e estando lavadas as manchas de ambos por completo (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 249).

Assim, a vida interior (contemplação) e as ocupações exteriores (vestes) de cada um devem estar isentas de quaisquer resquícios de pecado e vício para que,

⁹ Outra passagem que revela isso é a que precede a subida de Moisés ao Monte Sinai. Nesta Gregório afirma o seguinte: “Quando todos os animais estavam o mais longe possível da montanha, Moisés empreendeu a subida a um conhecimento superior. O fato de proibir que os animais aparecessem na montanha significa, a meu ver, que o conhecimento próprio da contemplação supera muito o dos sentidos. Os animais se guiam somente pelas sensações, não raciocinam. [...] A contemplação de Deus, ao contrário, não consiste em ver nem em ouvir, muito menos nos meios ordinários de se entender as coisas. [...] Aquele que quer aproximar-se do conhecimento das coisas sublimes antes tem que purificar sua conduta de todo movimento sensível e animal” (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 250).

pela virtude, continue sua ascensão à perfeição. É somente na incessante busca pela perfeição que é possível alcançar a montanha na qual Deus se revela.

No Sinai, Moisés depara-se com a infinitude que é Deus. No cimo da montanha, ele recebe do próprio Deus as tábuas da Lei: guia para a moral hebraica; o projeto do Templo: retrato alegórico do caminho ascensional para a busca de Deus¹⁰ e, por fim, a discriminação dos ornamentos sacerdotais, que revelam, por meio das insígnias sacerdotais, as qualidades necessárias aos verdadeiros sacerdotes.

No ápice das teofanias mosaicas, vigora o pedido de Moisés para ver Deus (Ex 33,18). Nesse episódio, *Iahweh* revela-se a Moisés que está escondido na fenda de uma rocha coberta pela mão do próprio Deus. Ao passar pela rocha, Deus tira sua mão de sobre a fenda e deixa Moisés contemplar suas costas.

A mística negativa subsiste sobre esses relatos mosaicos, sendo que, Moisés nunca pode objetivar Deus, pois Deus transcende todas as categorias humanas. Assim, a mística negativa é a afirmação de que:

Quanto maior o progresso do espírito, com aplicação sempre maior e mais perfeita, acercando-se constantemente da contemplação, vê-se mais claramente que realmente a natureza divina é invisível. Despojado das aparências, tanto das percepções dos sentidos quanto daquilo que crê ver a inteligência, o espírito penetra mais interiormente até que pelo anseio de entender tem acesso ao invisível, ao incompreensível. Nesse momento, vê Deus. Nisso consiste o verdadeiro conhecimento daquele a que busca. Não ver é a verdadeira visão, pois aquele a quem busca transcende todo o conhecimento (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 252).

Nota-se, nesse movimento, outro caráter essencial: a constante busca por contemplar Deus. Moisés foi um dos poucos homens que alcançaram este

¹⁰ Essa reflexão emerge do texto gregoriano que explica detalhadamente a simbologia de cada componente do Templo. Além disso, Gregório de Nissa faz uma distinção entre o Santo e o Santo dos Santos, dando a entender que assim como para Moisés ascender ao conhecimento de Deus foi necessário certo itinerário espiritual, faz-se necessário a cada homem buscar vivenciar este itinerário para poder adentrar ao Santo dos Santos, lugar do encontro com Deus (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 254-266). Para uma reflexão mais precisa sobre o Santo dos Santos, sugere-se o livro de Josep Catalán, *A experiência mística e suas expressões*, São Paulo, Loyola, 2008.

patamar de contemplação. Entretanto, seu desejo por Deus tornava-se ainda maior a cada passo dado. Esse movimento é chamado por Gregório de Nissa de *epektasis*, termo que provém da carta de São Paulo aos Filipenses e significa “avançar em direção a”, “tencionar para frente”. Na conceituação gregoriana, a *epektasis* representa a atração que Deus exerce sobre a condição humana e, ao mesmo tempo, a sede que os homens possuem do infinito.

Desse modo, a *epektasis* é o verdadeiro conhecimento de Deus. Cabe ao ser humano “retirar os obstáculos do caminho, desvencilhando-se das atrações terrestres” (PONTE, 2013, p. 13), isto é, ao distanciar-se dos vícios e ao aproximar-se mais de Deus, o homem realiza a condição máxima do conhecimento, a contemplação do ilimitado.

Portanto, embrenhar-se na abscondidade da incognoscibilidade de Deus é o ímpeto de vê-lo pelas costas e buscar ver o seu rosto. Mesmo que o próprio Deus tenha dito que tal busca é impossível, o homem, na sua tensão ao infinito, “lança-se em busca do que ainda não foi alcançado” (Fl 3,13).

5. Moisés: o homem virtuoso e o prenúncio de Jesus

A vida de Moisés, além do caráter instrutivo para a vida em busca da perfeição e da teologia apofática que emana da mística negativa, é um escrito que reúne os horizontes escriturísticos do Antigo e do Novo Testamentos. Os livros Êxodo e Números e a personagem de Moisés são tomados como antítipos da vida e ação de Jesus de Nazaré, de forma que o legislador de Israel sinaliza indiretamente a vinda do Salvador de Israel.

A primeira interpretação gregoriana que ressalta e evidencia a interpretação alegórico-simbólica encontra-se na teofania da sarça ardente. Foi dito anteriormente que tanto a sarça ardente quanto Jesus foram sinais sensíveis de Deus na Terra. Todavia, sobre a sarça ardente, Gregório de Nissa acrescenta uma comparação com a concepção de Jesus por Maria. Na tradição cristã, Maria foi assaltada pela força da fecundidade sem corromper sua virgindade, desse

mesmo modo, salienta Gregório que a sarça ardente estava chamegando sem se corromper pelas chamas. Isso posto, Gregório identifica a sarça ardente como um símbolo do milagre que aconteceu na encarnação Jesus.

Ainda no contexto da sarça ardente, o Nisseno identifica o sinal da mão de Moisés¹¹ com o relacionamento da Trindade. Do mesmo modo como Moisés afastou a mão de seu peito e essa tomou outra forma, a mão de Deus, isto é, Jesus, ao se afastar do peito, encarna-se na condição humana, entretanto, não deixando de participar na totalidade do corpo, ou seja, sem deixar de ser Deus. É o que podemos observar nesta passagem:

Fazendo-se semelhante a nós, veio do Pai e se deu a conhecer a todos. Depois de curar nossas feridas, voltou ao seu próprio regaço a mão que estava conosco e havia tomado a nossa aparência, a nossa cor. O Pai é o regaço onde repousa a mão. Não se transformou em natureza passível a natureza imutável; sucedeu o contrário. Graças a ele, nossa natureza sujeita a mudanças e paixões converteu-se em natureza impassível, participante da imutabilidade divina (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 224).

Logo, a saga da libertação do povo hebreu das cadeias egípcias é o anúncio daquilo que seria a libertação última realizada por Cristo. Sobre esse mesmo tema, Gregório de Nissa assume outra passagem do Êxodo (15,22-27) como sinal daquilo que se realizaria plenamente em Jesus. Pouco depois de fugir do Egito, os hebreus caminharam por três dias sem água no deserto e, neste momento, eis que surge um lago no caminho. No entanto, as águas desse lago eram amargas e não potáveis.

Gregório interpreta essas condições como a oposição do mundo aos critérios daqueles que buscam a virtude e a perfeição. Na saga mosaica, Iahweh ordena que Moisés atire uma madeira no lago. Após este gesto, as águas convertem-se em manancial de vida. Para o prelado de Nissa, essa madeira

¹¹ “*Iahweh* disse-lhe ainda: ‘Põe a mão no peito.’ Ele pôs a mão no peito e, tirando-a, eis que a mão estava leprosa, branca como a neve. *Iahweh* lhe disse: ‘Torna a pôr a mão no peito.’ Ele colocou novamente a mão no peito e retirou, e eis que se tornara como o restante de seu corpo” (Ex 4,6-8).

representa a cruz, instrumento pelo qual Jesus padeceu e superou a morte. Assim como o azedume de Mara¹² é superado pelo madeiro que Moisés atira no lago, a hostilidade do mundo judaico que crucificou Jesus é superada pelo madeiro da cruz¹³.

Outro momento da saga hebraica que sinaliza a pessoa de Jesus Cristo é o descrito no cimo do Monte Sinai. Quando Moisés recebeu as diretrizes da construção do Templo, um lugar em especial possuía a primazia, isto é, o Santo dos Santos, que era o lugar mais importante do Templo.

O Santo dos Santos era o lugar mais sagrado do Templo e era acessado apenas pelos sacerdotes em ocasiões muito precisas e especiais. Para Gregório de Nissa, o conjunto do Templo é símbolo da Igreja fundada pelos Apóstolos, e este antecipa e protege o Santo dos Santos, que é o fundamento desta edificação, o próprio Cristo Jesus.

Por fim, a rocha firme ao lado da última teofania retratada no Êxodo (33,1-35), na qual Moisés se sustenta para aproximar-se de Deus é assinalada pelo prelado de Nissa como símbolo do próprio Jesus, que é o caminho pelo qual a virtude passa e se sustenta no itinerário de caminhar rumo a Deus.

Considerações finais

Como foi exposto, a obra *A vida de Moisés* emergiu na maturidade de Gregório de Nissa. Com efeito, suas reflexões místicas presentes nesta obra complementam e retomam inúmeras intuições que haviam surgido em obras anteriores, como: *Homilias sobre o Cântico dos cânticos*, *Homilias sobre o Eclesiastes* e *Homilias sobre as bem-aventuranças* (GREGÓRIO DE NISSA, 2015; URBINA, 2012). Dessa maneira, esta obra é a síntese de muitas das intuições místicas anteriores.

Dirigida a Cesáreo, *A vida de Moisés* contém uma análise da exemplaridade de *Moisés* e de sua importância para aqueles que desejam ser virtuosos. Gregório

¹² Nome dado ao lago por causa de suas águas amargas.

¹³ “Lançar o madeiro na água quer dizer crer no mistério da ressurreição, que teve seu princípio no madeiro. Compreende-se, é claro, por madeiro a cruz” (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 244).

parte da afirmação de que é impossível vivenciar novamente aquilo que os relatos explicitam e mostram em sua narração. Todavia, os pontos fundamentais da vida virtuosa de Moisés, como de todos os pósteros que orientaram suas vidas tomando-o como exemplo, não consiste na imitação da situação concreta destes, mas no posicionamento frente às adversidades e dificuldades da vida cotidiana.

Desse modo, Gregório de Nissa assinala que a vida virtuosa é composta por uma incessante luta entre a virtude e o vício. Afirma também que a virtude é o desejo de se lançar sempre mais além daquilo que foi alcançado em busca da contemplação de Deus. Com efeito, para a superação dos diversos vícios aos quais todos os homens estão expostos, é necessário lançar-se em busca daquilo que é maior que as prerrogativas humanas.

Fruto de uma inquestionável influência platônica, é possível observar em Gregório de Nissa a condenação das realidades materiais como viciosas enquanto salienta aquilo que é transcendente como virtuoso. Estas, sendo tomadas por Gregório de Nissa da filosofia platônica, expõem claramente a situação do cristianismo dos primeiros séculos depois de Cristo (MCGINN, 2012, p. 210-213; CLÉMENT, 2003). Como grande parte dos padres antigos, Gregório de Nissa busca uma justificação teórica e pertinente das doutrinas cristãs frente aos areópagos do saber. Seu particular tino filosófico é de grande importância para a indexação da filosofia platônica por parte dos cristãos.

Sendo assim, o contraste entre estas duas potências, virtude e vício, é o resultado da aproximação dos conceitos cristãos aos platônicos (como também ao itinerário dos heróis gregos em suas epopeias). De forma que é possível afirmar que a virtude é gerada pela estância em Deus e em seus desígnios.

Como vimos, esta estância em Deus é o processo pelo qual cada um é chamado a encontrar-se com Deus, o encontro com o indeterminável e invisível. A mística negativa é uma das concepções gregorianas mais utilizadas na tradição mística posterior, mesmo que de forma indireta. Assim, por exemplo, como não notar essa mesma intuição quando São João da Cruz declara que o encontro com

o Amado se dá numa situação de mínima visão: “Na noite tão ditosa/ Em segredo, que ninguém me via,/ Nem eu olhava nada/ Sem outra luz e guia/ Senão a que em meu coração ardia (JOÃO DA CRUZ *apud* BINGEMER; PINHEIRO, 2016, p. 248). Por isso, a mística operada por Gregório de Nissa em *A vida de Moisés* é ao mesmo tempo tão antiga quanto atual, pois constitui um grande paradigma da reflexão mística que ainda se mostra tão belo e misterioso quanto na sua própria época.

No cume da reflexão mística, a imagem do encontro com Deus é a cena de Moisés que vislumbra a espalda de Deus (Ex 33,18). Nesse sentido, Gregório de Nissa transita de uma reflexão para a outra em uma rápida passagem bíblica. É possível afirmar que esta passagem marca o caminho da mística ao seguimento. Encontrar-se com Deus é colocar-se atrás dele como seguidor¹⁴.

Tal apreciação do ato de seguir Deus aproxima Moisés da figura de Jesus. Em *A vida de Moisés*, o prelado de Nissa enuncia as diversas passagens nas quais se preludiou Jesus e sua missão salvífica, de forma que Jesus é o caminho para Deus, verdade perante as várias dificuldades da busca da virtude e manancial de vida.

Assim sendo, compreende-se que o texto de Gregório de Nissa atualiza o Pentateuco na ótica cristã, de forma que as passagens ganhem um novo sentido a partir de Jesus Cristo. O movimento de resignificação do Antigo Testamento era de suma importância para o *Zeitgeist* do século IV, haja vista que neste século ocorreram os concílios que determinaram a doutrina cristã até os dias atuais.

Por isso, o texto *A vida de Moisés* é inesgotável tanto para a reflexão mística quanto para o entendimento de um dos séculos mais importantes do cristianismo, pois suas intuições são tão profundas e fundadas numa reflexão filosófica magistral que o texto insiste em se atualizar a cada leitura. Portanto,

¹⁴ Nesta reflexão, nota-se a aproximação que Gregório opera entre o Antigo e o Novo Testamento, haja vista o texto evangélico de Lucas que diz: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e me siga. Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim, esse a salvará” (Lc 9,24).

assim como enuncia o próprio Gregório de Nissa que os textos são passíveis de inúmeras interpretações a partir da busca pelo espírito que guiou o autor, é necessário afirmar que este artigo apenas coloca em discussão a obra de tão célebre filósofo que, de tanto alçar-se sobre a filosofia e a teologia, tornou-se um dos maiores místicos da tradição cristã.

Referências

BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (orgs.). *Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

BORRIELO, L. *Dicionário de mística*. Tradução: Benoni Lemos. São Paulo: Paulus, 2003.

CATALÁN, Josep Otón. *A experiência mística e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 2008.

CLÉMENT, Oliver. *Fontes: Os místicos cristãos dos primeiros séculos*. Textos e testemunhos. Juiz de Fora: Subiaco, 2003.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. *Curso de teologia patrística*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1988.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. *Curso de teologia patrística*. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 1990.

GREGÓRIO DE NISSA. *Semillas de contemplación: Homilías sobre el Cantar de los Cantares; Vida de Moisés: historia y contemplación*. Madri: BAC, 2015.

GREGÓRIO DE NISSA. *Vida de Moisés*. Campinas: Livre, 2017.

KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

MCGINN, Bernard. *As fundações da mística: das origens ao século V*. Tomo I: A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental. São Paulo: Paulus, 2012.

PACHECO, Maria Cândida da Costa Reis Monteiro. *S. Gregório de Nissa: Criação e tempo*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.

PONTE, M. N. Q. A mística das trevas de Gregório de Nissa na obra "Vida de Moisés". *Pensar: Revista Eletrônica da FAJE*, v. 4, p. 5-24, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Notebook/Documents/Downloads/2218-Texto%20do%20artigo-8140-5-10-20130618.pdf. Acesso em: 06 Set. 2020.

SPANNEUT, Michel. *Os padres da Igreja [séculos IV-VIII]*. Vol. 2. 2. ed. Tradução: João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2002.

URBINA, César Izquierdo. La simbología eclesial en las Homilías sobre el Cantar de los Cantares, de Gregorio de Nisa. *Anales de Teología*. Concepción, v.14, n.1, p. 99-114, 2012. Disponível em:

Religare, ISSN: 19826605, v.17, n.1, agosto de 2020, p.233-250.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3995382>. Acesso em: 06 Set. 2020.

Recebido em 25-12-2019.
Aprovado em 07-09-2020.